

Denise Pereira
Karen Fernanda Bortoloti
(Organizadoras)

IMPACTOS DE LAS TECNOLOGÍAS EN LAS CIENCIAS SOCIALES APLICADAS

Denise Pereira
Karen Fernanda Bortoloti
(Organizadoras)

IMPACTOS DE LAS TECNOLOGÍAS EN LAS CIENCIAS SOCIALES APLICADAS

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-Não-Derivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^ª Dr^ª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^ª Dr^ª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Prof^ª Dr^ª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^ª Dr^ª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^ª Dr^ª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^ª Dr^ª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof^ª Dr^ª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^ª Dr^ª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^ª Dr^ª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



Impactos de las tecnologías en las ciencias sociales aplicadas

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadoras: Denise Pereira
Karen Fernanda Bortoloti

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

I34 Impactos de las tecnologías en las ciencias sociales aplicadas / Organizadoras Denise Pereira, Karen Fernanda Bortoloti. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0019-6

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.196222903>

1. Ciências sociais aplicadas. I. Pereira, Denise (Organizadora). II. Bortoloti, Karen Fernanda (Organizadora). III. Título.

CDD 301

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

Por natureza o homem é um ser social e necessita se comunicar. A comunicação é a forma de o ser humano transmitir, exteriorizar, materializar, criar possibilidades de troca com o outro, seja de informação, conhecimento ou qualquer outro tipo de necessidade. É por meio da comunicação que se amplia o contexto em que se está inserido. Desta forma, transformam-se o mundo e a cultura, evoluindo significativamente em todos os sentidos e contextos. Portanto, toda a nossa vida em sociedade supõe que utilizemos o intercâmbio, e a comunicação que se realiza fundamentalmente pela língua pressupõe memorização, continuidade e repetição. Para Pierre Lévy, é por meio da linguagem que o homem se distingue do restante da natureza e dispõe desse extraordinário instrumento de memória e de propagação das representações.

Assim, a popularização de Tecnologias da Informação e Comunicação, principalmente a Internet, contribui significativamente para a facilitação e ampliação da comunicação. Com os avanços da tecnologia e com a criação de computadores nos anos 1970, foi possível a comunicação dar um salto em sua abrangência, pois, por meio das novas tecnologias, tornaram-se viáveis o armazenamento, a organização e a distribuição da informação. As ciências sociais aplicadas foram obrigadas a abandonar modelos herdados de um contexto enciclopédico, cujo esgotamento se traduz nos desafios contemporâneos dada a rapidez com que as novas tecnologias evoluem e passam a desafiar-las.

Hoje inúmeros sistemas são mobilizados para facilitar o desenvolvimento de instituições públicas e privadas, por outro lado, essa rede também exige mais atenção por parte daqueles que a operacionalizam, com consequências civis e criminais. A complexidade dos modelos de negócios de base tecnológica, que envolvem mais de um serviço em uma mesma plataforma abrem espaço para dicotomias que precisam ser discutidas pelas ciências sociais aplicadas, especialmente as ciências contábeis e o direito.

Os espaços de aparente liberdade irrestrita têm refletido as contradições de nossa sociedade e nos fazem questionar e pensar aspectos que precisam ser revistos, fora e dentro do ciberespaço. Alerta para a importância da estrutura tecnológica da Rede e para a possibilidade de produção de novas regras sociais, de tensões entre o legítimo e o ilegítimo.




A proposta desta obra, é, portanto, a de buscar equilibrar teoria e prática, com relevo aos desdobramentos pragmáticos referentes aos conflitos que têm mobilizados as ciências sociais aplicadas.

As reflexões aqui apresentadas demonstram que o desenvolvimento das tecnologias não para, pois, a cada dia, é perceptível o quanto elas evoluem e estão a serviço do homem e da humanidade. A informação e o conhecimento são fontes inesgotáveis para a evolução do homem, além de vivermos em uma sociedade na qual o conhecimento é transmitido e disseminado na rede para todos de forma compartilhada.

Esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas reflexões.

Denise Pereira
Karen Fernanda Bortoloti

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
LA GENERACION DEL CONOCIMIENTO EN SU POLITICA Y ECONOMÍA	
Gerardo Angel Villalvazo Gutierrez	
Alba Esperanza Garcia Lopez	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.1962229031	
CAPÍTULO 2	11
SISTEMAS DE INFORMACIÓN GEOGRÁFICA EM LA GEOGRAFÍA	
Thais Bassos	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.1962229032	
CAPÍTULO 3	16
LA INFRAESTRUCTURA VERDE Y SUS APORTES EN EL CONFORT TÉRMICO URBANO	
Gilkauris Rojas-Cortoreal	
Julio Peña Peña	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.1962229033	
CAPÍTULO 4	33
IMAGINARIOS URBANOS, IDENTIDAD Y ENTRETENIMIENTO. NARRATIVAS DE LAS ELITES EMPRESARIALES Y GUBERNAMENTALES CON RESPECTO AL GRAN PREMIO DE MÉXICO	
José Antonio García Ayala	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.1962229034	
CAPÍTULO 5	51
VIGILANCIA ESTRATÉGICA COMO APOORTE A LA COMPETITIVIDAD DE LA AGROINDUSTRIA ALIMENTARIA EN BOYACÁ-COLOMBIA	
Ligia Inés Melo Torres	
Laura Tatiana Ortiz Melo	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.1962229035	
SOBRE AS ORGANIZADORAS	64
ÍNDICE REMISSIVO	65

CAPÍTULO 1

LA GENERACION DEL CONOCIMIENTO EN SU POLITICA Y ECONOMÍA

Data de aceite: 01/03/2022

Gerardo Angel Villalvazo Gutierrez

Profesor de carrera de TC en FES Zaragoza UNAM. Líneas de investigación: Interdisciplina y Ciencias Sociales, educación superior profesiones y Desarrollo Tecnológico. Economía del conocimiento

Alba Esperanza Garcia Lopez

Profesora de TC en FES-Zaragoza-UNAM Líneas de investigación: Estudios de Género. Educación superior y Organizaciones de Trabajo. FES ZARAGOZA-UNAM

La versión original se presentó en el VII CONGRESO NACIONAL DE CIENCIAS SOCIALES 2020. COMECSOLas Ciencias Sociales en la transición.EJE TEMATICO 16: RETOS ACTUALES Y PERSPECTIVAS DE LAS CIENCIAS SOCIALES: CONSTRUCCIÓN SOCIAL DE LA REALIDAD Y APROPIACIÓN SOCIAL DE LA CIENCIA.

RESUMEN: Los debates en torno al conocimiento social aceptable por los poseedores de conocimiento se dividen y jerarquizan por el valor de intercambio que tenga. Las tendencias que se oponen y ejercen presión se extiende de la inutilidad a la dominación social. Existe un componente en los diagnósticos sociales en nuestras sociedades, como lo es el de la fragmentación social, desigualdad y diferenciación. En una transformación capitalista, las interrogantes sobre qué conocimiento social construir debe partir de la representación social

del conocimiento. Qué posibilidades y limitaciones presenta un conocimiento social en el contexto cultural de la Universidad pública en México y sus comunidades académicas científicas articuladas a los intereses socioeconómicos dominantes.

PALABRAS CLAVE: Economía política y Conocimiento; comunidades académicas; crítica del conocimiento.

A GERAÇÃO DE CONHECIMENTO EM SUA POLÍTICA E ECONOMIA

RESUMO: Os debates em torno do conhecimento social aceitável para os detentores do conhecimento são divididos e classificados pelo valor de troca que ele possui. As tendências opostas e prementes vão da futilidade à dominação social. Há um componente nos diagnósticos sociais em nossas sociedades, como fragmentação social, desigualdade e diferenciação. Em uma transformação capitalista, as questões sobre que conhecimento social construir devem partir da representação social do conhecimento. Que possibilidades e limitações um conhecimento social apresenta no contexto cultural da universidade pública no México e suas comunidades académicas científicas articuladas aos interesses socioeconômicos dominantes.

PALAVRAS-CHAVE: Economia Política e Conhecimento; comunidades acadêmicas; crítica do conhecimento.

La ciencia moderna se desarrolló en conflicto con los poderes que se oponían a la libertad de pensamiento; hoy la ciencia se encuentra en alianza con los poderes que amenazan la autonomía humana y frustran el intento de lograr una existencia libre y racional.

H. Marcuse (Escritos sobre ciencia y tecnología p. 158).

ECONOMÍA DEL CONOCIMIENTO CIENTÍFICO

El conocimiento en el horizonte hiperindustrial y posmoderno de las sociedades avanzadas y el atraso industrial de sociedades con procesos modernizadores insuficientes, inconclusos y excluyentes; ha jugado un rol neo-colonizador de cierta domesticación del pensamiento científico y al mismo tiempo políticamente se ha desenvuelto como un agente de dominación cultural.

Las sociedades y la mundialización de las luchas económicas y de mercado se interesan por el conocimiento. El conocimiento no es sólo el acto inmaculado del interés de los científicos, articulados desde sus islotes de espacios de pureza, también se encuentra vinculado a una carrera de un progreso social que se le define como crecimiento económico bajo una lógica lineal de que este crecimiento tiene un efecto en una mejor vida social e individual más humanizada.

Los conocimientos científicos y técnicos que se dinamizan y se expanden sobre las realidades sociales y culturales, se van constituyendo en un centro de atención crítica dado el sometimiento del trabajo intelectual a una meritocracia que premia y excluye toda posibilidad creativa de autonomía en la producción de un saber que no sólo le permita emanciparse, sino también libere o contribuya a los procesos que humanicen una existencia más natural y plena en el desarrollo de sus potencialidades. Las características de la ciencia e investigación organizada pasan por procesos de administración y financiamiento cuyo eje legitimador es el de la desconfianza sobre el trabajo que hoy día se le impone al académico-investigador, sino no sustenta bajo los criterios de un método que se somete a un criterio superior de administración racional que reditué datos suficientes que se consideren posean una cierta eficiencia utilitaria para el sistema de producción social imperante.

Académicos, investigadores, políticos, industriales, inversionistas que se vinculan con el universo de la ciencia y la técnica animan debates apasionados sobre la institucionalidad de la ciencia, y los grandes beneficios que esta puede crear o producir en la economía y el bienestar.

El propósito de este trabajo es plantear las relaciones y articulaciones que presenta el trabajo en la producción de conocimientos en el contexto de una Economía con valoraciones fragmentadas y sofismas de objetividad y conveniencia de lo que representa el desarrollo en las Universidades públicas como productoras y organizaciones de conocimientos científicos y de los actores que asumen sus funciones dentro de ellas. Donde, lo que predomina son las visiones individualizantes como proceso normalizador en el quehacer asimétrico de hacer

investigación, docencia y difusión; donde dichas funciones actúan de modo autónomo y con lógicas no integradas, promoviendo la domesticación del trabajo universitario y creando realidades socioinstitucionales o procesos de inclusión y exclusión, bajo los criterios de un estándar que fortalece élites de poder dentro de las instituciones universitarias. Las cuales se han desenvuelto con políticas y procesos de gestión del conocimiento, inclinada bajo la sentencia de una vigilancia productivista. Y en términos del desarrollo humano dentro de estas organizaciones es una paradoja que se someta a la inteligencia y a la crítica como uno de los ejes esenciales que han dado sentidos y propósitos a instituciones universitarias públicas y sus relaciones con la sociedad y el Estado.

LA UNIVERSIDAD COMO ORGANIZACIÓN DE CONOCIMIENTOS: LAS PERSPECTIVAS DE DOMESTICACIÓN INDIVIDUALISTA Y LA CRÍTICA INTELECTUAL MARGINADA

El financiamiento para el desarrollo de la ciencia y la tecnología varía de un país a otro, en el caso de México, éste se ha caracterizado por contar con presupuesto muy bajos, con el alcance hasta la educación pública misma. Los inversionistas en otras regiones del mundo están atentos a las oportunidades que se ofrecen y los vínculos entre la producción de ciencia y tecnología y las innovaciones se ubican como un proceso continuo en la producción, que transforma las formas y organizaciones del trabajo socialmente rentable y las distintas formas en que las sociedades consumen, promoviendo formas y hábitos de vida en todos los planos de la cultura. A contracorriente de los obstáculos por los que pasa la investigación nacional, en las mismas organizaciones de educación públicas se han desarrollado grandes esfuerzos generacionales por impulsar sistemas que impulsen a las comunidades a desarrollar un trabajo de investigación productivo e innovador, presentando políticas, formas de organización institucional, formas de difusión y propiedad intelectual, categorías laborales, sistemas meritocráticos, etc. Donde los Sistemas de educación superior, los centros de investigación y las formas en que está organizada la ciencia, la tecnología y la formación de profesionales, guardan características muy bien identificadas en contrastes de desarrollo fragmentado. El desarrollo de la ciencia, la tecnología, sus procesos de trabajo en la investigación, las formas de formar profesionales con visión tecno-científica, los mercados laborales y sus contextos económicos precarios, fortalecen este proceso de desarrollo contracorriente para su pleno desarrollo, teniendo como eje de este proceso: la fragmentación y la exclusión de las mismas comunidades académicas y científicas a las que se supone tratan de impulsar. También hay que matizar que en éstos procesos, los grupos académicos y de investigadores quedan cimentados en élites que se legitiman por una visión de ciencia como en un mercado de costos y beneficios que estandarizan el trabajo, dejando de lado procesos esenciales de gestión del conocimiento y solución de problemas en las organizaciones e instituciones, en las cuales los académicos

e investigadores quedan en un individualismo y soportan toda la responsabilidad del éxito del sistema, son ellos los que fallan y son los sistemas los que triunfan.

En lugar de procurar la producción de un conocimiento crítico y reflexivo abierto sobre la cambiante realidad social, la institución, las políticas públicas, las disposiciones a las que atiende el investigador y los medios de circulación de los productos generados por la investigación, se han inclinado a “aislar en guetos a las comunidades científicas para que entre ellos discutan, se evalúen y compitan por obtener premios” (Hernández, 2011): citado por Pacheco, T. 2017).

En estos sistemas de educación y desarrollo científico hay que puntualizar como muy bien señala Habermas en la *Lógica de las Ciencias Sociales*, al referirse que dentro de las organizaciones científicas se fomentan relaciones de poder en los procesos de legitimación científica entre las Ciencias naturales o duras y las llamadas Ciencias Sociales y humanas, creando distancias y diferencias que afectan, sobre todo el desarrollo de estas últimas.

La tímida discusión abierta antaño por el neokantismo sobre las diferencias metodológicas entre ciencias de la naturaleza y ciencias del espíritu esta hoy olvidada. El problema que la provoco parece haber dejado de ser actual. La conciencia científicista parece querer correr un velo sobre las profundas diferencias de enfoques metodológicos. El persistente dualismo que en la práctica de la investigación como algo obvio, ha dejado ya de discutirse en el marco de la lógica de la investigación. Ya no se dirime en el plano de la teoría de la ciencia; se limita a encontrar su expresión en la yuxtaposición de dos sistemas de referencia. Según sea el tipo de investigaciones sobre que versa, la teoría de la ciencia ha adoptado la forma de una metodología universal de las ciencias empíricas o de una hermenéutica general de las ciencias del espíritu y de las ciencias históricas. El estado más avanzado de esta autorreflexión específicamente restringida de las ciencias, podemos caracterizarlo provisionalmente por referencia a los trabajos de Karl Popper, de un lado y H.G. Gadamer, de otro. La teoría analítica de la ciencia y la hermenéutica filosófica parecen ignorarse la una a la otra. Las discusiones rara vez saltan por encima de los límites de unos ámbitos separados, tanto por la terminología, como por la geografía. Los analíticos remiten las disciplinas que proceden en términos hermenéuticos a la antesala de la ciencia en general; y los hermenéuticos, por su parte imputan globalmente a las ciencias nomológicas una pre-comprensión limitada...”. Finalmente desde el punto de vista de Habermas: Mientras que las ciencias de la naturaleza y las ciencias del espíritu pueden profesarse mutua indiferencia y soportar una convivencia más enconada que pacífica, las ciencias sociales tienen que dirimir bajo un mismo techo la tensión de esos planteamientos divergentes; aquí es la propia práctica de la investigación la que obliga a reflexionar sobre la relación entre procedimientos analíticos y procedimientos hermenéuticos. (Villalvazo, G.G. 2007).

Hoy los sistemas de vida humana se interpretan dese la lógica del crecimiento económico. Puede afirmarse que el crecimiento económico se ha convertido en el horizonte

de nuestro tiempo y añadir que el conocimiento se ha convertido en el instrumento indispensable del crecimiento económico. Otras formas de sentido dominan el horizonte en las organizaciones de las ciencias, la investigación y sus impactos en la producción social y cultural en general.

Históricamente en las reflexiones sobre las crisis de las Ciencias Europeas Edmund Husserl destaca que junto con la posibilidad de manipular objetos ideales –como los objetos de la geometría–, la ciencia y la filosofía griegas habían hecho irrumpir, en todo el ámbito de la cultura y no solo en el científico, horizontes infinitos de sentido para la teoría y la acción. Los grandes éxitos de la ciencia, sobre todo las naturales, produjeron cambios en toda la cultura, revoluciones de la manera misma en que la humanidad produce su cultura. También transformo los sentidos de historicidad. En esta época del crecimiento la operatividad de la ciencia y la técnica la eficacia parece recubrir todo horizonte y diluir toda idea de época, de humanidad, de mundo y de historia. Hoy entendemos que el aporte del conocimiento no era tanto lo universal como la productividad; que su motivación no era la verdad sino el hambre, el dominio del hombre y la naturaleza, relaciones en francas contradicciones con la vida.

Hoy en día los valores de validez académico e institucional de la producción de conocimiento son dependientes del contexto socio-cultural e histórico, encerrando determinadas relaciones de poder en el interior de la academia, así como diversos intereses en su conjunto. Esto me permite destacar que no es posible separar los temas actuales de su contexto de producción y de sus vinculaciones con lo político y lo cultural, menos aún, dejar de observar qué relaciones de poder e intereses concretos están dominando e imponiéndose precisamente a una intelectualidad en formación.

En el debate actual los que asumen y consideran ser herederos-continuadores de un pensar crítico y los que pretenden reubicar y redefinir el espacio de la crítica en los diversos campos del saber, establecen una lucha y un diálogo inconmensurable. Por ello, en el entramado de intereses y relaciones se puede percibir la continuación de una inquietante militancia política, intelectual, académica e institucional por el empoderamiento de todos los espacios y embarcar el ejercicio de una libertad crítica en la Nave de los locos y no tener cabida en el horizonte del sentido dominado y colonizado.

Considero que los saberes en sus procesos de validación y constitución per-se llevan en su desarrollo una función crítica, la cual necesariamente tiende a establecer procesos de ruptura con lo establecido en el algún campo de las ciencias, artes, la jurisprudencia, la política, etc., y los grupos sociales. El cambio y avance en estos distintos campos también conlleva procesos de apropiación, donde ¿quiénes los generan?, ¿quiénes reconocen su validez? ¿a quiénes llega el avance como actualidad?, es decir, ¿cómo se difunde?, ¿qué impactos, resistencias y cambios genera?

Responder a estas preguntas permite -como consideran Weber y Bourdieu, entre otros- un trabajo de vigilancia continua. Y precisamente, en esta labor se presenta el reto de ¿cómo formarnos en un trabajo de desarrollo crítico?

Ante lo cual la diferencia entre un saber establecido y un pensar crítico ¿Qué plantea este último como crítica al primero? Un trabajo de reflexión y reconocimiento como postura inicial que el intelectual debe asumir en una confrontación con los objetos aludidos y con el papel crítico hegemónico bajo la legitimidad que otorgan la ciencia y la academia. El pensar crítico nos plantea, antes que nada, una posición política en el interior de las instituciones productoras de saber, ya que lejos de representar la expresión de los otros y los objetos de estudio, las palabras y los discursos encarnan una lucha por una transformación o mantenimiento de las políticas académicas de representación. En estas representaciones del saber, las posibilidades de un ejercicio de pensar crítico ocupan un lugar en el que manifiesta la vulnerabilidad, la contingencia y el carácter situacional que posee cualquier discurso y relato explicativo sobre aquello investigado o tratado. En consecuencia, la producción de un pensar crítico, se verá en un movimiento en el que tiene que confrontar lo establecido y en otro el que tiene que ser superado.

Podemos observar una estrecha relación entre el conocimiento generado y el ejercicio del poder. Por una parte, el conocimiento generado en algún campo tiene que atravesar por la balanza de ciertos criterios que lo validen y alcancen un reconocimiento dentro de alguna comunidad, cómo es esta lo difunde y la forma que circula o es administrada por determinadas instancias de poder.

Efectuar una lectura de la realidad, con un arsenal conceptual significa establecer un cierto juego que no posee reglas, un ejercicio que deduce aquello que ha sido excluido o suprimido, donde las estructuras de exclusión legitiman un determinado orden social y no otro. Con ello, un pensar crítico interactúa en campos de experiencias sociales y culturales, lingüísticas e históricas, que se encuentran sin ubicación y no articulados a una identidad.

Quien ejerce un pensar crítico está confrontando los campos de estas experiencias culturales y sociales con un lenguaje que busca mostrar y evidenciar las relaciones ocultas en ellas. Puesto que en nuestro mundo social y cultural constituido por relaciones naturalizadas que se viven como verdades absolutas e inamovibles y el beneficio es generalmente para pequeños grupos sociales vinculados al ejercicio del poder y de las instituciones. En esta ubicación, la confrontación de un pensar crítico se desarrolla con la posibilidad de cuestionar de modos y maneras fundamentadas el evidenciar lo oculto y mostrar lo incorrecto con vocación ética, expresado en el anhelo de realizar un determinado proyecto de sociedad. Demostrando interés por examinar las formaciones de la relación entre el conocimiento y el poder presentes en las instituciones, prácticas y lenguajes académicos. Podemos observar indicios en las sociedades contemporáneas como sus visiones dominantes intentan solucionar su desarrollo bajo los signos de lo social y lo económico. Para un cierto pensar crítico es mucho más urgente plantear y llevar a cabo reajustes en las relaciones de poder en las instituciones sociales, culturales y académicas.

Una gran problemática que tiene que confrontar el propio pensar crítico es el de confrontar su producción como novedosa condicionando cambios para que en lo esencial

nada cambie convirtiéndose en presa de su propio cuestionamiento para dar continuidad a este orden de las cosas. No obstante, difícilmente las acciones de una producción crítica son observadas como reguladora de la lógica institucional y simbólica en una entendida modernidad y consecuentemente, de una actividad intelectual que da sustento a una interpretación del mundo. Al parecer, el destino coloca al pensar crítico -al confrontar sus interpretaciones sobre el mundo y por revelar los instrumentos de la lucha política, la verdad y una idea de emancipación- derivan en una acción eminentemente ética.

Lo que caracteriza la posición política y académica de un pensar crítico es su producción per-se de la crítica. Como si imitara las operaciones discursivas de un pasado no muy lejano, así como el presupuesto analítico de situaciones socio-culturales consideradas “objetivas”, atemporales e inmutables. Cuando sus esquemas de interpretación critican el eventual abandono de la política del consumismo y el individualismo por parte de algunos artistas e intelectuales, no hace otra cosa que confundir las cosas o, en el mejor de los casos, acusar las desviaciones que están adquiriendo los análisis socio-culturales en la actualidad, confunde, por ejemplo, universalidad con mercado capitalista, y pragmatismo con la ausencia de objetivos y de posición crítica. Tratándose de acusar desviaciones, no consigue engañar, a los ojos de todos, que el objetivismo reivindicado no puede esconder sus postulados de análisis y las consideraciones moralistas que encierra su discurso, meramente normativo. El propósito por aprehender la realidad y develar su sistema de significaciones, se transforma en una pesadilla de reiteración de fórmulas explicativas acerca del mundo objetivo, es decir, de un mundo que es el mundo particular (subjetivo) de él. De todas formas, este no es un problema demasiado grave. La gravedad radica en el riesgo de no darse cuenta y por consecuencia su discurso se torna una narrativa esperanzadora con una arrogancia divinizada del rol de un cientificismo legitimador de verdades convenientes incrustadas en élites que lograron apropiarse de los mejores recursos institucionales.

Una cierta producción crítica conservadora en la actualidad insiste en tratar convencer sobre la verdad de los acontecimientos. Intentará explicar que detrás de lo inmediato e intransitivo existen estructuras, fuerzas, poderes, que determinan los fenómenos. Las estructuras objetivas del mundo son las que deben develarse, lo que exigiría una sensibilidad y posición política que ha tomado conciencia de su lugar, en definitiva, en la estructura de producción económica. Los objetos de análisis no dicen nada si no los ordenamos en la estructura de las cosas. Por esto, un ejercicio de crítica hará lo imposible por disciplinarlos y ordenarlos de acuerdo a un orden previamente considerado, tal tarea sólo puede realizarse quien haya entendido que detrás de algo existe otra cosa que oculta ese algo para que no nos demos cuenta de lo que ha sido ocultado. Abierto así, el camino de premiar y castigar el trabajo fragmentado por metodologías de gestión donde aparecen normas evitando cualquier conflicto por no haber alcanzado el criterio de productividad y exigencia científica. Aunque esta se convierta en un cumulo de reproducciones o variaciones sobre los mismos

temas, que se consideren relevantes en el mundo de las innovaciones y tecnologías que demanda un sistema utilitarista que asegure su ganancia sobre las pérdidas donde los recursos de la inteligencia universitaria se vuelven renovables y las inversiones económicas encuentran su mejor forma de justificar sus programas meritocráticos y los procesos de evaluación no transforman, burocratizan e individualizan los procesos de trabajo; excluyen segmentando las Áreas de mejor inversión de acuerdo a criterios en extremos subjetivos, aun llamándoles de doble ciego, lo cual es para poner en una duda razonable y objetiva.

Ejercer y producir la crítica, comprende que ya no es posible legitimar cualquier conocimiento sobre el mundo apelando a un discurso tan abstracto y que imponga ordenar la realidad.

Deconstruir y dejar en evidencia los falsos mensajes emancipadores, realizados en nombre de una idea de universalidad (que en realidad sólo es regulativa, que impone y ordena), se encuentra en la base de una determinada producción crítica que se sitúa en un momento posterior y se fortalece por presentarse como actualidad y novedad. El ejercicio de la crítica implica que su discurso corra todos los riesgos y atraviese por la consolidación del control académico en general, y su estatuto como crítica adquiera una actitud conservadora y niegue los nuevos desafíos en el campo de los diagnósticos y análisis de la realidad. Lejos de prometer libertad y cambio, renovación y ruptura, al ejercicio de un pensar crítico le corresponde la tarea de institucionalizar la subversión. Así, se comprende que es el propio terreno discursivo incorporado, asimilado y delimitado por un pensador crítico, sus despliegues políticos e institucionales, el que asume el propósito de legitimar o fundar la serie de prácticas que definen a este intelectual. No es el pensador crítico quien da legitimidad a un discurso o relato sobre la realidad, sino que es ese propio discurso que le otorga legitimidad. Son las estructuras objetivas del mundo las que legitiman la posición crítica de este intelectual, transformado en un sujeto que desfallece ante la inmanencia de la realidad del mundo.

El sentido que puede otorgarse a un posicionamiento político presumiblemente crítico es meramente arbitrario. El denominado pensador así se debe comprender. ¿Qué se quiere afirmar cuando se dice que una actividad intelectual o un pensamiento concreto tienen cualidades críticas? ¿Y qué se quiere demostrar cuando se afirma que una determinada posición intelectual carece de potencial crítico? Una línea de reflexión puede llevar a considerar que no tiene sentido alguno expresar que existe una supuesta ausencia de potencial crítico en el posicionamiento asumido por ciertos intelectuales y artistas en la actualidad, ya que, como puede entenderse, esta expresión se refiere únicamente al hecho de una eventual falta de una particular crítica esperada. Ni la crítica ni el manejo de un criterio de verdad u orden son monopolio de alguna actitud intelectual y política específica. Verdad, orden y crítica forman parte de enunciados que se refieren e incorporan al discurso de un sujeto que así asegura su legitimidad, en realidad, un excluido de un particular ordenamiento del mundo. Es la realidad que encierra el orden de un mundo contradictorio

donde los papeles asumidos por sus actores, el escenario, los intereses y juegos de poder son los que pueden estar sujetos a la crítica.

La constante crisis del conocimiento social, como conocimiento socialmente aceptable ha sido siempre de vital importancia para caracterizar a las sociedades. En el marco de la transformación es importante reparar que las formas socialmente aceptables y apreciables en nuestras sociedades han sido objeto de un desplazamiento cada vez más radical. Los poseedores de conocimiento se dividen y jerarquizan por el valor de intercambio que éste tenga. No todo conocimiento es sinónimo de poder y dinero. Una buena porción de disciplinas y oficios han quedado fuera del mercado que regula su valor. Ya no hay una relación directa entre educación formal, trabajo y prestigio social. Ya no es suficiente saber algo funcional al sistema.

CONSIDERACIÓN FINAL

La valoración social de poseer conocimiento, resulta de un conjunto de tendencias que se oponen y que ejercen presión en un continuo que se extiende de la inutilidad a la superficialidad si no es para la dominación social. Si existe un componente homogéneo de los diagnósticos sociales en nuestras sociedades éste es la fragmentación social o la combinación y acción conjunta de fenómenos de desigualdad y diferenciación. Las transformaciones de las estructuras sociales en diversos y recíprocos espacios de clase constituyen, al menos en una primera instancia, la norma de ordenar la incertidumbre de los problemas sociales y sus consecuencias. Reconocer las formas de desigualdad, sólo permite a algunos científicos sociales, metamorfosear sus discursos, que estallan en pedazos y se fragmentan ante su entorno. Las sociedades se parecen cada vez más al rompecabezas cuyas piezas pueden tener autonomía, pero nunca sentido sin el todo. Esta nueva división de grupos entre los académicos e investigadores aparecen como consecuencia de los mecanismos de inclusión, exclusión-expulsión y el fomento de éticas del deber, hacen que los ambientes institucionales vayan fortaleciendo un ethos productivista que coordina las diferencias y relaciones entre los que hacen investigación y ciencia social. Es posible considerar otro de los rasgos de la actual relación entre conocimiento y estructuración social como aquel que aparece al relacionar mercantilización, aceptabilidad y apreciabilidad. En el horizonte de reestructuración capitalista aparecen con fuerza las tensiones que surgen entre información, saber y conocimiento.

Poder y producción de conocimiento en la vida humana tiene que reproducirse a sí misma como vida humana. La naturaleza humana es de cabo a rabo técnica. No parece plausible dissociar en ella, ni siquiera teóricamente, una productividad natural de una productividad no natural. Por eso no debe extrañar que la transformación cultural y tecnológica sea el modo en que la vida humana ha venido a ejecutar sus funciones más elementales. La condición humana se deja describir sin controversia como una condición tecnológica.

REFERENCIAS

Aguado L. E.; Rogel S. R.; Garduño O. G.; Zúñiga M. F. (2008) "Redalyc: una alternativa a las asimetrías en la distribución del conocimiento científico" en *Ciencia, docencia y tecnología*. Núm. 37, año 19, pp. 11-30.

Andrade Carreño Alfredo. (1994) *Comunidades académicas en sociología: su integración a través de las revistas especializadas. La sociología contemporánea en México. Perspectivas disciplinarias y nuevos desafíos*. México: Facultad de Ciencias Políticas y Sociales, UNAM; 1994.

Andrade, L. (2010) Revisitando el oficio de sociólogo: notas sobre el hábitus de investigador social. *Cinta de Moebio* 39: 153-169. doi: 10.4067/S0717-554X201000030000.

Bourdieu, P. (2003) *El oficio de científico*. Barcelona: Anagrama. organización académica. Ed. Nueva Visión, UAM, México.

Castañeda, Sabido. Fernando. (2004) *La crisis de la sociología académica en México*. México, FCPS-UNAM. México, Miguel Ángel Porrúa.

Contreras O. (2000) Tres compromisos para las ciencias sociales. En *La investigación humanística y social en la UNAM*, coordinado por Humberto Muñoz García, 151-174. México: UNAM/Miguel Ángel Porrúa.

Habermas, J. (1993) *La Lógica de las ciencias sociales*. Rei-México. p.p. 81-83.

Pacheco, Teresa. (2017). La investigación social como actividad institucionalizada y como experiencia socio-histórica *Cinta Moebio* 58: 47-60 doi: 10.4067/S0717-554X2017000100047

Puga, Cristina. (2009) *Ciencias sociales. Un nuevo momento*. Revista mexicana de sociología *versión On-line* ISSN 2594-0651

Unesco. (2012) *Informe sobre las ciencias sociales en el mundo 2010*, México, Comecso.

Marcuse H. (2020) *Escritos sobre ciencia y tecnología*. Ennegativo ediciones, Medellín Colombia. Traducción de Leandro Sánchez Marín.

Morín, E. (2001). *La Cabeza bien Puesta*. Repensar la forma reformar el pensamiento. Buenos Aires: Edición nueva visión.

Muñoz, A., & Sandía Saldívia, B. (2002). *Sistema de Gestión de Conocimiento CEIDIS. Calidad en la Educación Interactiva a Distancia*. Obtenido de: http://www.saber.ula.ve/bitstream/123456789/33755/1/6_sistemagestion.pdf.

Valentí N. G. (2003) "La evaluación y el cambio en el sistema de educación superior: balance de una década", en Judith Bokser Liwerant, coord., *Las ciencias sociales, universidad y sociedad*, México, UNAM, pp. 343-356.

Villalvazo, Gutiérrez Gerardo.A. (2007) *Dilthey y el problema de la demarcación de las ciencias*. (2007) En: *Psicología y Evolución* 3. UNAM-FES Zaragoza. ISBN 978-970-32-4361-7

ÍNDICE REMISSIVO

A

Agroindustria 14, 51, 52, 53, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 62

Arbolado urbano 16, 20, 21, 23, 32

B

Boyacá-Colombia 51

Brasil 14, 36

C

Capitalismo 11

Competitividad 51, 52, 53, 54, 56, 58, 59, 60, 61, 62, 63

Comunidades académicas 1, 3, 10

Confort térmico 16, 22, 25, 26, 30

Conhecimento 1, 64

Conocimiento 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 9, 10, 13, 33, 34, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 61, 62

Crítica del conocimiento 1

D

Diseño urbano 16

E

Economía 1, 50, 62

Economía política 1

Entretenimiento 33, 34, 35, 37, 38, 39, 42, 43, 48, 49

G

Geografía 4, 11, 12, 13, 14

I

Identidad 6, 33, 39, 41, 42, 45, 46, 47, 48, 49, 50

Información 9, 11, 12, 13, 14, 34, 38, 51, 52, 54, 55, 56, 58, 61

M

Mapas 12, 13, 14

N

Narrativas 33, 37, 48

P

Política 1, 5, 6, 7, 8, 11, 12, 13, 33, 37, 51

R

Radiación solar 16, 18, 22, 24, 25, 28

S

SIG 11, 13, 14

Sistemas 3, 4, 11, 12, 13, 63

V





Vegetación 14, 16, 17, 23, 32

Vigilancia 3, 5, 51, 52, 54, 55, 56, 61, 62, 63

Vigilancia tecnológica 51, 52, 55, 61, 62, 63

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

IMPACTOS DE LAS TECNOLOGÍAS EN LAS CIENCIAS SOCIALES APLICADAS

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

IMPACTOS DE LAS TECNOLOGÍAS EN LAS CIENCIAS SOCIALES APLICADAS